



VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Commercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 DE JUNHO

O dia treze de Junho, em que o povo português comemora a data da segunda aparição da Santíssima Virgem aos humildes pastorinhos de Aljustrel, é também, por outro título, um dia de festa solemne, de jubilo e alegria indizível, para a população dos quarenta logarejos de que se compõe a vasta e populosa freguezia de Fátima.

E' que o glorioso thaumaturgo português, Santo Antonio de Lisboa, recebe nesse dia os cultos acendrados daquela boa gente de aldeia, cujos antepassados o quizeram escolher para padroeiro da sua freguezia.

Outrora o dia treze de Junho era dia de festa de guarda no Patriarcado de Lisboa, mas, hoje que por benigna concessão da Santa Sé, se acha dispensado, nem por isso os piedosos habitantes de Fátima deixam de festejar com o mesmo entusiasmo e a mesma devoção o nosso glorioso compatriota, seu celeste patrono.

Assim é que, ao contrário do que sucede no dia treze de cada um dos outros mezes do ano, uma grande multidão estaciona e se comprime junto da igreja parochial, ás onze horas da manhã, aguardando a hora da missa solemne.

A maior parte dos fieis que ali se encontram, já fizeram de manhã cedo a sua costumada visita á Cova da Iria ou tencionam faze-la após a festividade do Santo thaumaturgo.

No lanço da estrada que estabelece a comunicação mais directa e mais rápida entre a séde da freguezia e local das aparições, num percurso de dois kilómetros e meio, observa-se áquella hora um extraordinário movimedto de vae-vem. São habitantes da freguezia de Fátima que, terminada a sua visita á Cova da Iria, se encaminham para a igreja parochial, afim de assistirem á festa de Santo Antonio, e romeiros que, feitas as suas devoções e pagas

as suas promessas, retiram para as suas terras distantes, ou pelo contrario são peregrinos que veem de longe, tendo talvez partido de madrugada ou mesmo na vespera, e se dão pressa em chegar ao local privilegiado do Ceu, para ouvirem a missa dos enfermos e receberem a benção com o Santissimo Sacramento.

Vehiculos de toda a especie accumulam-se em numero de muitas centenas no lanço da estrada que limita a Cova da Iria pelo lado sul.

Em frente da capéla das aparições e da capéla das missas, vêem-se muitos milhares de fieis.

A'quella hora já se tinham celebrado varias missas.

Proximo do meio dia official, uma numerosa e bem organizada peregrinação do Sebal desce a encosta com a maior ordem e compostura, cantando canticos religiosos. Entretanto um sacerdote sóbe ao altar para celebrar a santa missa. Um grupo de cantoras da peregrinação recémchegada acompanha a missa com canticos liturgicos apropriados. Todas as atencões estão presas da harmonia desses canticos executados com uma perfeição e uma piedade inexcediveis.

A esta missa segue-se a missa dos enfermos, que começa ao meio dia solar. No momento em que o celebrante se dirige para o altar, a imensa multidão que rodeia por todos os lados o pavilhão dos doentes, assistindo ás missas, rompe subitamente, em ruidosas manifestações de assombro e alegria. Muitas pessoas affirmavam convinctamente ter visto nessa occasião os phenomenos solares do costume, que alguns peregrinos categorisados, absolutamente insuspeitos, diziam haver presenciado nesse mesmo dia ao nascer do sol.

Por motivo das referidas manifestações, cuja causa alguns peregrinos, colhidos de surpresa, ignoravam, chegou a haver um principio de terror panico, que foi logo prontamente sufocado.

Os ultimos actos religiosos — a missa, a comunhão, a procissão, a benção dos enfermos, e o sermão — realizaram-se como de costume, no meio de um silencio, recolhimento e piedade da imensa multidão, que edificavam e comoviam profundamente.

Em frente do altar, sôbre as marcas da associação dos Servos de Nossa Senhora do Rosário, jaziam os paralyticos e os doentes cujo estado era mais grave. Aquella exposição das mais diversas miserias phisicas que affligem a humanidade, constitue um espectáculo que confrange todas as almas bem formadas.

Ao mesmo tempo, porém, consola e encanta sobremaneira a doce resignação dos pobres mártires de tanto sofrimento que cheios de esperança na sua cura, embora santamente conformados com a vontade de Deus, chegam a sorrir se no meio das dôres mais atrozes e cruciantes.

Junto da branca e formosa estátua da Virgem do Rosário, um homem de meia idade chora copiosamente. As suas lágrimas, contudo, são lágrimas de comoção e reconhecimento por uma graça que attribue á misericordiosa intercessão da augusta Mãe de Deus. Atacado, havia muitos anos, d'uma das mais horriveis doenças que torturam o corpo humano, a lepra, tendo recorrido debalde ás maiores sumidades médicas e gasto uma verdadeira fortuna com o seu tratamento, vindo no meio da maior consternação agravar-se cada vez mais o seu lastimoso estado, vai em treze de Maio ultimo, cheio de confiança, em peregrinação á Fátima e desde esse dia a sua saúde melhora consideravelmente e tudo faz supôr que a Santissa Virgem não deixará incompleta a sua obra. A impressão produzida por esta tocante narrativa em todos os circunstantes é profunda, vendo-se muitos olhos marejados de lágrimas. Em torno da fonte das aparições, estaciona ininterruptamente uma grande multidão, que se renova sem cessar, a fazer a sua provisão de água miraculosa.

A pouco e pouco, as dezenas de milhares de crentes, que áquella estancia bemdita da Fátima tinham ido retemperar a sua fé e as suas energias moraes para a lucta que é a vida do homem sôbre a terra, vão-se retirando para os seus lares distantes, saudosos das horas encantadoras santamente passadas naquele centro de devoção á Virgem, o maior entre os maiores que jámais existiram em Portugal.

V. de M.

As curas da Fátima

Lisbôa — 53, Rua Garcia Horta.

«Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr.

Para Honra e Glória de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, desejo tornar conhecidas duas grandes graças de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, para o que peço a V. Rev.^{ma} as publique no nosso jornalzinho.

Uma das curas, a 1.^a, foi a de uma grave doença antiga, de toda a vida! Doloroso, muito doloroso sofrimento e com ele muitas e diversas cruzes. Grandes médicos do Paiz e de fóra, fôram consultados; se melhorava, já animada mechia-me um pouco mais, logo piorava. Sofria sempre, sempre e já me horrorisava o sofrimento futuro!

Acudiu-me Nossa Senhora do Rosário da Fátima na primeira Peregrinação, em Outubro de 1923. Mas só n'isso falei uns dias antes da segunda Peregrinação de Outubro de 1924. Certa, certíssima de já não sofrer daquela doença. Tinha também feito tratamentos na Alemanha e na França, além dos de cá. Melhorei, peorei e peorei muito. Um dos médicos fez-me comprehender que a doença era incurável.

Cansada, muito cansada, fraquíssima sim, sofrendo mais ou menos (sou doente, tenho-o sido toda a vida—talvez uma má doente), embora misture os sorrisos com as lágrimas, *sacudindo-me* a todo o momento, mas nada sentindo da doença antiga. Isto notei antes da segunda Peregrinação, até hoje, Março de 1925. Graças a Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

Tãopouco da recente doença, talvez não tão recente como digo, mas somente por a comparar á de toda a vida. A ultima, a do coração, já a não tinha a 14, ainda em Leiria—ou para ser mais verdadeira, só o notei no dia seguinte, tarde, quando me levantei, tendo-me deitado depois da meia-noite do dia 13. Obrigava-me a doença a alimentar-me muito pouco e leve, passei fome quasi! Anciedade pela comida, receio de comer.

Quando peor, não podia estar deitada, e tão fraca e com paragens, etc.!

Enfraquecimento geral, sempre aumentando, cabeça peor. No coração, dôres, ardôr, picadas e sempre inchada. Quasi não podia andar, não podendo por vezes pousar os pés no chão. No dia 12 ainda, tiveram, antes de sairmos de casa, de cosêr os botões dos sapatos mais á bôrda.

Depois de estar de pé da meia noite de 12 (sem contar o tempo desde a sahida de Lisbôa) á de 13 (ou mais) e de ter andado na Cova da Iria (partimos em Camion pelas 4 e meia ou 5 da manhã) andei ainda á noite 3 kilômetros, (segundo ouvi dizer) porque faltou o carro, avariado, e tivemos que ir a pé, com chuva e trovoadas (!) até á primeira casa, á direita. Foi então que appareceu o carro. Eu tinha pensado em pedir licença á dona da casa para ficar lá o resto da noite. Já não podia mais comigo e afligia-me impe-

dir os nossos amáveis companheiros, tão cheios de caridade, de andarem mais depressa.

Caminhando eu disse: «Nossa Senhora tirou órgãos e pôz órgãos». Quando não fôsse o coração era a fraqueza (pensei) extrema! Não me enganei. Nossa Senhora curou-me da doença de coração, embora esse órgão esteja como os outros, fraco. A 14, em Leiria, ao levantar-me, olhei para os pés: desinchados! Até hoje. Todo o sofrimento d'essa doença desapareceu, como da primeira. Tinha tomado remédios para o coração, feito o que mandou o médico, melhorei, mas a doença estava em mim, sentia a bem! Voltei a poder almoçar bem, como o pede tanta fraqueza e já por *feliz* me dou embora a familia desejasse que eu tomasse de todos os alimentos. Mas eu já sabia que Nossa Senhora não me dava toda a saúde. E' da alma e de todo o coração que agradeço a Nosso Senhor e á Nossa Mãe do Céu, sob o nome de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, imagem lindíssima, que desejo e espero tornar ainda a *ver*, as duas grandes graças recebidas na Cova da Iria em 1924, e outras depois dessas, noutras pessoas.

O médico tinha-me dito: «se não tonifica o coração, suicida-se». Não queria deixar de o dizer; e se mais digo desta doença é porque não me custa falar dela, ao contrario do que se dá com a outra.

Com respeito, etc.

Maria Fernanda Santos

(Filha de Maria)

Outro caso

«Instituto das Missões—Cucujães (Val do Vouga) Portugal, 1/5/1925.

Sr. Padre Silva

Há tempos escrevi a V. Rev.^a participando que me constava ter-se dado na minha terra (Câmara de Lobos—Madeira) uma cura extraordinária por intervenção de N. Senhora do Rosário da Fátima. Esperei pela confirmação do facto. Como a própria miraculada me mandou o relato circunstanciado da doença e cura, envio-o junto assim como a atestação da senhora que tinha dado á doente o jornalzinho «Voz da Fátima», água e terra do local. Essa mesma senhora que tinha presenciado o estado desesperado da doente, constatou, assim como toda a freguesia, o facto retumbante do seu restabelecimento repentino. O próprio médico que a visitou pela tarde do mesmo dia da cura (29 de Janeiro ultimo, dia de S. Francisco de Sales, numa quinta feira) ficou desorientado vendo que a cliente não precisava dos seus serviços, quando na véspera e dias antecedentes o havia mandado chamar com tanta insistência. Não quiz passar-lhe atestado dizendo que, se ela curou, foi com a aplicação do ultimo remédio que lhe tinha receitado. O farmaceutico, por convencia com elle, recusou-se a devolver as receitas. A verdade porém, é que médico e far-

maceutico atestam, ainda que indirectamente, a autenticidade do facto: dizem que se a doente ficou curada foi pela aplicação do ultimo remédio. Foge-lhes a lingua para a verdade—porque a padecente, desanimando da efficácia de todos os remédios humanos, se dirigiu confiadamente á Mãe das misericordias e obteve dela o remédio derradeiro e decisivo—a intervenção poderosissima de cura radical.

Para atestar o facto maravilhoso da poderosa intervenção de Nossa Senhora do Rosário, está a fé radica-da em todos os corações rectos e crentes da laboriosa freguezia de Câmara de Lobos.

Não precisamos de mais provas!

Resumi o relato que vai junto, pedindo a V. Rev.^a a fineza da publicação na «Voz da Fátima».

Subscrevo-me, etc.

Agostinho M. Vieira

Referente a esta cura e devoção a Nossa Senhora da Fátima, com data de 7-5-1925, recebemos de Câmara de Lobos, uma carta donde recortamos o seguinte:

«Não calcula V. Rev.^a, essa importancia, apesar de pequena, quanta Fé e quantas graças recebidas por intermédio de Nossa Senhora da Fátima representa, pois é toda proveniente de promessas, sendo as de maior importancia uma de 100\$00 e outra de 50\$00.

Não só em casos de doença, mas também em afflicções e necessidades de qualquer espécie e dum modo especial os pescadores para apanharem peixe, recorrem á Senhora da Fátima e são atendidos, pelo que o entusiasmo pelo culto de Nossa Senhora da Fátima vai aqui aumentando cada vez mais.

Desde que em janeiro ultimo se deu aqui uma cura repentina, cuja narração um seminarista, que está em Cucujães, enviou, ou enviará a V. Rev.^a, é que mais conhecida se tornou Nossa Senhora da Fátima.

Com a máxima consideração, etc.

Eugénia de Nóbrega

«Augusta Filomena Gonçalves, solteira, de cêrca de 30 anos, natural e residente em Rua do Meio, Vila de Câmara de Lobos—Ilha da Madeira, tendo sentido na véspera do dia do Natal transacto algumas dôres nos musculos da perna direila, nem por isso deixou de andar. Nos dias seguintes as dôres diminuíram; contudo andava a custo.

Julgando ter sofrido uma entorce foi no dia 18 de Janeiro a casa duma endireita, que lhe applicou uma cataplasma na barriga da perna doente.

Começou a piorar do dia 20 em diante, ficando o pé manchado com pintas negras. Sentiu então uns arrepios acompanhados de tremuras em todo o corpo, sendo fortes e intensas as dôres. Nesse mesmo dia mandou consultar o médico, que no dia seguinte foi chamado e a visitou. As

dôres fôram aumentando a tal ponto que a fizeram delirar. O médico examinou a perna já coberta de manchas negras iguais ás do pé. Foi receitado novo medicamento interno e externo, mas sem efeito porque as dôres se repetiam hora a hora acompanhadas de frenesis. A perna e o pé direitos incharam disformemente. No dia 23 já vomitava tudo, excepto algumas colheres de chá de ervas, limonada ou caldo de ave que o médico receitara. Nesse dia tomou sucessivamente três qualidades de remédio, mas sem resultado.

Pela tarde do mesmo dia 23 o médico visitou-a, levando-lhe um medicamento que lhe fez abrandar as dôres durante a noite. Por ocasião dessa visita o médico declarou que a doente tinha uma cólica no estômago. No dia 24, num sábado, tomou por duas vezes doutro medicamento, mas cada vez se sentia pior. Durante a tarde foi novamente chamado o médico, que, como se havia ausentado para outra freguesia do concelho — Curral das Freiras —, não a pôde atender.

A doente ficou então num estado comatoso e com o lado esquerdo paralisado. No dia 25, Domingo, mandou consultar o médico por carta á dita freguesia do Curral, de onde não tinha ainda regressado. Como, com a aplicação do novo medicamento receitado, ainda se sentisse pior, sem mais esperanças nos remédios humanos, mandando chamar o Pároco coadjutor, confessou-se, não podendo comungar por causa dos vômitos continuos. No dia 27 o médico regressou mas não a visitou por se dizer fatigado. Por quatro vezes o fôram chamar nesse dia, mas só no dia 29 a visitou pela tarde para constatar a cura radical. Não obstante, os dias 26, 27 e 28 fôram os de maior crise. Na terça-feira 27, sofreu três frenesis, sendo preciso duma vez segurarem-na cinco pessoas.

Nessa ocasião as manchas da perna e pé direitos formaram-se em bolhas que rebentaram, vasando um liquido amarelado e viscoso. Ficou desde então em delirio quasi continuo, sendo preciso ligarem-lhe a cabeça com faxas. Na quarta-feira 28, aumentaram-lhe os sofrimentos, e a garganta inchou a tal ponto que só com muita dificuldade lhe faziam engulir qualquer liquido. Na manhã desse dia levaram-lhe um numero da «Voz da Fátima». Ouvindo-o ler não o deixou mais, collocando-o debaixo da almofada que segurava a perna, já com a gangrena declarada. No meio de horribes sofrimentos pedia a Nossa Senhora, ao menos, paciencia. Esperava anciosamente que se aproximasse a noite para receber uma estampa ou imagem de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, e terra do local. A' noitinha a doente recebeu efectivamente a visita annunciada. Pouco depois acompanhava em espirito a novena que a familia fazia num quarto contiguo.

Como ás dez horas e meia da noite a doente tivesse um tremor e ficasse regada em suôres frios, as pessoas que lhe assistiam julgaram ter-se aproximado o desenlace final.

A's 2 1/2 horas da madrugada do dia 29 teve dois ataques sucessivos. No fim do segundo, não podendo falar nem voltar-se no leito, fez sinal para que a inclinassem um pouco sobre o lado direito, onde conservava a «Voz da Fátima» debaixo da almofada que lhe segurava a perna gangrenada. Adormeceu nessa posição das três horas até ás 5 da manhã. Convem notar que desde o sábado precedente, 24, jámais tinha podido conciliar o sono, nem tomava outra coisa que não fôsse umas colheres de chá de folha de laranjeira.

Ao acordar sentiu uma sensação de leveza no corpo como no espirito, tal como de quem deixando um cárcere obscuro é restituído á liberdade. Lembrou-se immediatamente de apalpar com o braço direito o lado esquerdo, constatando que podia mover tanto o braço como a perna, o que não fazia desde o sábado.

Sentou-se no leito e, num movimento de surpresa, vestiu-se por suas próprias mãos. Verificando então que não era vitima de ilusão começou a chamar pela irmã, gritando: mana, mana, veja o meu braço que já mexe! Estou bôa! Nossa Senhora do Rosário da Fátima, curou me. Pediu logo que lhe dessem leite e pouco depois comeu um pão inteiro.

O boato de tão extraordinária cura espalhou-se por toda a vila e muitas pessoas fôram felicitá-la nessa própria manhã.

A's nove horas, a senhora que lhe tinha oferecido na véspera o jornal, estampa e terra da Fátima, levou-lhe água do local das Aparições. A miraculada não tinha ficado completamente curada pois que tinha a perna e o pé direitos gangrenados ainda no mesmo estado: inchados, com bolhas, movendo-os só a custo, com dôres intensas. Tomou então uma colherinha da água miraculosa e applicou algumas gôtas dela, assim como um pouco de terra do local nas papas de linhaça que cobriam a barriga da perna e o calcanhar do pé doentes.

Passadas duas horas adormeceu. Quando acordou, cêrca duma hora, não tinha mais bôlhas nem inchação, isto é, estava completamente curada. Era numa quinta-feira 29 de Janeiro, p. p. Tendo-se levantado cheia de vida e entusiasmo, contava a todas as pessoas que a iam visitar, o milagre que Nossa Senhora do Rosário da Fátima lhe acabava de fazer. O médico, passando na tarde do mesmo dia na vila, visitou-a, não lhe encontrando queixa alguma, verificando que estava completamente curada. Hoje encontra-se ainda de perfeita saúde. Antes de adoecer com a paralisia e gangrena, sofria do coração, mas depois de curada nunca mais sentiu os antigos incômodos.

2/5/925. Agostinho M. Vieira

Processo canónico sobre os acontecimentos da Fátima

Novamente rogamos a todas as pessoas que tenham qualquer coisa a depôr a favor ou contra os aconte-

cimentos da Fátima, a bondade de não demorarem os seus informes, dirigindo-se ao Sr. Dr. Manuel Marques dos Santos — Leiria.

Tomar Jesus pelo Coração

Quando uma mãe quer obter de seu filho um sacrificio necessário, de que arma se serve ela para alcançar victoria?

Toma o filho pelo coração e quando o coração está ganho, o resto nada custa.

Para obter infalivelmente de Nosso Senhor uma graça ardentemente desejada é necessário tomal-o pelo coração.

E' o meio conhecido dos Santos e que dá sempre resultado. Mas este processo um pouco vago necessita de ser esclarecido. O filho entrega as armas e confessa-se vencido porque o maior argumento de amor materno é este:

«Tenho-te eu recusado alguma coisa meu filho? Vê lá se te lembras de algum sacrificio que eu não tenha feito por ti! . . .»

Uma pessoa piedosa recebeu um dia esta confidencia duma mulher do mundo:

«Faça favor de me explicar porque é que as minhas orações não são ouvidas. Passo semanas e mezes inteiros a pedir esta ou aquela graça e Deus fica surdo ás minhas préces. . . Ha-de haver alguma razão que explique isto e que era grande favor indicar-me». Depois de alguns minutos de reflexão, a santa respondeu:

«Senhora, Deus recusa-yos o que lhe pedis porque vós mesma não estaes disposta a nenhum sacrificio por Seu Amor.

Dae e dar-se-vos-ha. . . Palavras luminosas! . . . Demos a Deus o que elle nos pede, cumpramos generosamente esse sacrificio, renunciemos a algum prazer perigoso, quebremos essas relações culpáveis, e então, embelezados por essas imolações voluntarias, batamos ousadamente á porta do tabernáculo porque nesse caso, tendo tomado Jesus pelo coração o seu radioso sorrir nos fará então comprehender que os vossos desejos serão cumpridos.

«Nunca, dizia uma admirável joven a seu director, nunca ábro a bôca para rezar sem ter fechado primeiro o meu coração aos prazeres, ainda os mais legitimos.

O sacrificio é a chave do Coração de Jesus. . . Ele nunca resiste a um pedido que vá a seguir a um holocausto.

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte	1.193:500
J. e J.	5:000
D. Maria Eduarda Mo- ta da Costa Praça. .	5:000
M. M. de C. e S.	10:000
José Maria Palricas . .	5:000
Soma	1.218.500

A minha segunda comunhão

O escritor Paulo Feval conta assim a sua conversão :

« De toda a parte instam para que conte a historia da minha conversão. Devo, pois, fazel-o. E se devo, fal-o-hei, mas neste momento estou eu a escrever a historia de uma rainha que calcou aos pés a sua corôa.

A minha historia intima irá mais tarde.

... Tambem vós, meu caro padre, mostraes desejo de saber *como isso foi*.

Coisa bem simples pois, que não merecia um milagre.

Eu tinha uma carreira muito brilhante e muitas pessoas me davam a honra de ser meus amigos.

Um dia fui derrubado e calcado pelas rodas duma carroça do fisco que levava dinheiro roubado. Não caí de muito alto, mas caí.

Uma vez em terra, achei-me só no meio de seres fracos e queridos que dependiam de mim. E tive de concluir que nem sabia ser pobre pois que desejava a morte.

Ficava-me o meu *talento*.

Oh! que fraca coisa!

Um dia antes tinha ele o seu valor. Um dia depois, quando eu quiz trocal-o por pão, toda a gente me fechou a porta. Houve apenas uma pessoa que o não fez, e aqui lhe testemunho todo o meu reconhecimento.

Eu continuava a trabalhar mas pouco e tão mal!...

Um dia sobre uma miserável página começada a escrever senti aparecer o desespero. Tive medo e chamei Deus em meu auxilio.

Deus não veio porque já lá estava. Senti-o palpitar no intimo da minha consciencia e tive a minha primeira lágrima, lágrima que foi para mim doce como antigamente as caricias de minha mãe. No dia seguinte fui ter com um homem excelente que muito sabe e muito me ama. Quanto á idade podia ser meu filho, mas eu chamo-lhe Pae. Ensinou-me coisas ao mesmo tempo grandes e simples. A' medida que elas passavam do seu coração para o meu, iam-se dissipando nuvens, e de tal modo que eu acabei por lhe pôr a nu o fundo duma pobre alma e, pela sua bôca, Deus me perdoou.

O dia seguinte era dia de Natal. Nesse dia minha mulher e minha filha me conduziram ao santuario que guarda os despojos mortaes dos ultimos martyres.

Tomei logar á Santa Mesa e fiz a minha segunda comunhão, quarenta e sete anos depois da primeira.

Assim se renovaram as duas extremidades da minha vida, por cima dum meio seculo perdido. A' volta, os sorrisos e alegria das creanças nos esperavam em casa. Foi uma festa, encheram-me de beijos. Voltou a nossa alegria.

No tempo das férias, todos os dias á noite, os oito filhos se joelham em volta da mãe e eu, com o meu crucifixo á frente, recito as orações a

que eles respondem com as suas vo-zitas desiguaes.

Que Deus os abençõe a todos e a todas, meu Padre, a esses meus queridos filhos que teem tão bom coração!

Antigamente a sua melhor recompensa era dar. Entre as alegrias que o dinheiro póde dar, é essa de que eles teem mais pena.

Magdalena, que tem sete anos, diz ás vezes: « Nosso Senhor devia conceder-nos, ao menos, alguma coisa para dar aos outros.

Hontem encontrei-a toda radiante por uma descoberta que tinha feito. Subiu por mim acima para me dizer em ares de triunfo: Não sabe, papá? Quando a gente tem só dez réis e os dá, vale como se dêsse cem mil réis.»

Voz da Fátima

Despezas

Transporte do n.º 33.	31:012.420
Impressão do n.º 33 (27:000 exemplares).	621.000
Despezas varias.	150.000
	<hr/>
	31.783 420

Subscrição

(Continuação)

Pedro Pinto Cardoso.	10.000
Gabriel Raimundo da Silva.	10.000
Francisco Fernandes Pombo.	10.000
D. Maria da Piedade Santos.	10.000
José Maximiano.	10.000
P.º Augusto José da Trindade.	10.000
Viscondessa de Freixedo	10.000
D. Conceição Gouveia Agostinho Martinho Vieira.	10.000
De jornaes (A. M. Vieira)	12.000
D. Maria de S. Antonio Neto.	10.000
D. Joana Lucas Trincão	10.000
D. Maria dos Anjos Pe- reira.	10.000
Francisco de Lencastre	10.000
D. Ermelinda Correia Cardoso Ribeiro Alves	10.000
D. Silveria da Conceição Neves.	10.000
José d'Oliveira Dias.	10.000
D. Victoria Sirgado Men- des.	10.000
De jornaes (J. O. Dias)	30.000
Carlos Silveira Peixoto	10.000
D. Adelaide Francisca d'Almeida Lopes.	10.000
D. Antonia das Dôres Almada.	10.000
Manuel Antunes Vali- nho.	10.000
D. Etelvina Torres Costa	10.000
D. Maria Fuertes Gomez	10.000
D. Palmira Martins Fa- ria.	10.000
P.º Luiz Caetano Portela	10.000
D. Hortulana Pinto.	10.000
P.º José Ignacio d'Oli- veira.	10.000
Leonidio R. da Costa Santos.	10.000
Manuel Gomes Gonçal- ves.	10.000
D. Maria Mendonça.	10.000
D. Mercedes Simões.	10.000

De jornaes (P.º J. Reis)	5.000
José Antonio Fialho d'Almeida.	10.000
Miguel dos Santos e Sil- va.	10.000
D. Gualdina de Queiroz	20.000
D. Maria Eduarda Vas- ques da Cunha Len- castre.	10.000
João Ribeiro.	10.000
D. Rosa d'Oliveira Mi- randa.	10.000
De jornaes (freguesia de Acantara).	20.000
P.º Antonio Pereira Quartilho.	10.000
D. Maria Rosa Teixeira	10.000
D. Dionizia Ramos Quei- jinho.	10.000
D. Generosa Farinha.	10.000
D. Maria Rita de Faria Hintze Ribeiro.	10.000
D. Maria Carolina Men- donça.	10.000
D. Sebastiana Victor No- gueira.	10.000
D. Ana d'Oliveira Matos	10.000
Luiz Gonzaga do Nas- cimento.	10.000
D. Josefa de Barros Ca- mões.	10.000
João Manuel Gouveia	10.000
D. Natalia Seleiro.	10.000
D. Estamarinda Augusta Madeira.	10.000
D. Maria da Conceição Madeira.	10.000
Manuel Joaquim Conde	10.000
Francisco Teles d'An- drade Rato.	10.000
D. Francisca Vaquinhas	10.000
D. Custodia da Silva.	10.000
D. Mariana Pereira da Costa.	10.000
D. Amelia da Conceição	10.000
P.º Joaquim Marques Raphael.	10.000
D. Emilia Caldeira de Bourbon.	10.000
Vaz Preto Geraldês.	10.000
Francisco Dias de Matos	10.000
José Paes Coutinho.	10.000
P.º José Dias de Matos	10.000
Condessa de Saphyra.	10.000
D. Amelia Val do Rio Henriques.	15.000
Joaquim Maria Soeiro de Brito.	10.000
D. Maria da Conceição Lopes Braz.	10.000
D. Izabel Maria Leite Braga Vareto.	10.000
Dr. Antonio Augusto Leite Braga.	10.000
D. Maria de Souza Pinto	10.000
P.º Antonio Gomes S. Miguel.	10.000
Manuel dos Santos Rocha	15.000

VOZ DA FÁTIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adeantadamente, o minimo de dez mil réis.